

**SINCERO PARA COM THEOS**  
(SEGUNDA PARTE)  
**SINCERE TO THEOS**  
(SECOND PART)

José Maria Vigil\*

**Mas Grécia, e Israel...?**

O Ocidente, digamos, a cultura ocidental, caminha sob a herança greco-cristã há 25/20 séculos. E porque o cristianismo carrega em seu seio o judaísmo, assim também a herança religiosa do Ocidente carrega a herança de Israel. Todos nós fomos treinados na ideia de que o mundo do pensamento começou de fato com Grécia, e que o da verdadeira religiosidade começou com Israel. O cristianismo é a alma do Ocidente, e a Grécia e Israel seriam suas raízes, os primórdios do Ocidente. Ainda hoje, é difícil encontrar entre nós livros que não partam desse suposto: a filosofia, o pensamento maduro da humanidade, teria começado com pensadores gregos, com a Grécia, não antes; e a religiosidade madura e verdadeira, teria começado com Israel, e não antes nem fora de Israel. Toda realidade anterior não teria sido nada além de prolegômenos, tentativas, aproximações... nada que valesse a pena lembrar uma vez chegados à maturidade de Grécia e de Israel na primeira metade do primeiro milênio AEC. Mas a realidade que hoje conhecemos não é essa. A coisa começou três milênios – atrás.

A partir do final do Calcolítico, o "proto-paradigma antropto-teo-cósmico"<sup>1</sup> está se espalhado pela Velha Europa e o Próximo e Médio Oriente, como consequência da profunda transformação produzida pela revolução agrária, como também pela nova cosmovisão religiosa trazida pelas três ondas de invasões kurgans<sup>2</sup>. Esta nova visão do mundo foi imposta ao fogo – e a cavalo. Espalhou-se amplamente e se implantou tão profundamente, que, de fato, ficou erradicada totalmente a visão anterior do mundo.

---

\* José María VIGIL é animador da Agenda Latino-Americana, dos Serviços Koinonia, da Coleção Tiempo Axial, e da Comissão Teológica Latino-Americana da EATWOT ou ASETT (Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo). É teólogo da espiritualidade, da teologia da libertação, do pluralismo religioso, e dos novos paradigmas.

<sup>1</sup> Cfr. *Humanos, Natureza, Deus*, 2.0. Renovando o paradigma central de nossa visão de mundo. Ibid.

<sup>2</sup> Entre os Kurgans, foram especificamente os Dóricos que vieram para a Grécia, e as invasões semíticas paralelas vindas da Arábia chegaram a Canaã, que os estudiosos relacionam com o mundo bíblico do sul de Israel. A primeira onda seria de 4300-4200 a.C., a segunda por volta de 3400-3200 a.C., e a terceira por volta de 3000-2800 a.C. Cf. EISLER: 1991, 50-51.

Não restou vestígio nenhum daquela visão holística anterior da Natureza como um ventre materno sagrado: a natureza – como dissemos – foi despojada de seu caráter sagrado; as mulheres foram degradadas da consideração e dos papéis que antes desfrutaram naquele mundo holístico-matristico que havia desaparecido; todas as mentes e subjetividades tinham voltado seu olhar para cima, para o céu, uma nova terra celestial, onde habita o novo inquilino e centro da Realidade, Deus.

Pois bem: Israel e Grécia surgem já plenamente neste ambiente pós-calcolítico com uma separação do céu e da terra totalmente instalada, estabilizada e ratificada. A memória do passado de convivência unificada na placenta nutritiva do ovo cósmico da era Paleolítica havia sido completamente perdida – vários milênios antes! Não havia vestígios na memória, portanto, nem havia um ponto sobre o qual basear uma comparação. O que Israel e a Grécia respiravam espiritualmente era a única coisa à mão: o recente novo "proto-paradigma antropto-teo-cósmico" pós-calcolítico, que eles acreditavam ser o primeiro, o original, ou melhor, o "eterno", o de sempre.

Israel e Grécia nasceram já dentro deste novo proto-paradigma dualista pos-calcolítico, dividido e firmemente centrado no deus do céu, o deus (a-natural, supernatural, in-material, masculino, supremamente inteligente, criador pela palavra...) do segundo andar. Eles não tinham outro horizonte. E, de fato, eles não deram sinais de dúvida, de hesitação, de exame crítico desse proto-paradigma. Pareceu óbvio para esses dois povos. Eles nem mesmo o perceberam conscientemente como tal – o que é óbvio não é sequer mencionado, não é possível debater sobre isso, muitas vezes nem sequer é percebido. Eles não foram capazes de tirar a cabeça fora daquela "caixa" epistemológica cognitiva em que nasceram. Pelo contrário: a Grécia levou a ideia de deus ao seu auge: elaborou o conceito de theos; não o criou, vinha dos tempos antigos, mas o aperfeiçoou – mesmo, no chamado "Iluminismo Grego", e submeteu-o a críticas impiedosas. E Israel, por sua vez, também não vislumbrou a memória pré-Calcolítica que estava fora do seu alcance, e poliu e extralimitou seu teísmo até torná-lo o monoteísmo mais emblemático de toda a história das religiões.

O estudioso bíblico Tomas Römer, fazendo uso das descobertas científicas da chamada Nova Arqueologia Bíblica<sup>3</sup>, com a ajuda interdisciplinar de outras ciências o mais amplamente possível, expressou-se com força em seu livro, intitulado "A Invenção de Deus". Ele defende a audácia de tal título, explicando que, certamente, não foram alguns beduínos, que, num oásis, teriam se reunido em alguma ocasião para inventar um deus à sua conveniência, mas que foi num longo, muito elaborado – em grande parte subconsciente –, num processo histórico e com os condicionantes do momento, como eles "construíram" o deus de Israel, com um itinerário difícil de reconstruir inteiramente, mas cujas características fundamentais já podemos dar por conhecidas hoje. E seu significado também nos parece conhecido<sup>4</sup>.

Dentro da tradição cristã em particular, temos dificuldades supremas, quase intransponíveis, para perceber tudo isso – e muito mais em digerir e reconhecê-lo. Primeiro, porque estas descobertas e esse "desenterramento" arqueológico do passado (que é nosso passado), são dados muito recentes. A maioria dos teólogos e clérigos não tem ouvido falar deles, em muitos seminários estes temas ainda não são estudados, e muitos dos estudiosos bíblicos mais antigos e os mestres da "arqueologia bíblica", quando ouvem falar deles, reagem com uma rejeição visceral: não podem aceitar a mudança de visão do mundo que eles implicam. Mesmo uma boa parte da teologia da libertação – supostamente já crítica e informada (a segunda Ilustração!) – tem dificuldades com o tema, já que é um tema "em saída", dos que tiram da placidez da auto-referencialidade teológica....

Nossa milenar "história" histórico-religioso-teológica tradicional está fechada a qualquer possibilidade de mudar o proto-paradigma. Prefere tomar por certo que o que herdamos é uma obviedade, é evidente, é indubitável, absoluto. Além disso, é "revelação"... Como já disemos, quando pensamos que o conceito de "deus" não pode ser tocado "porque é revelação", continuamos sob os efeitos já mencionados, do

---

<sup>3</sup> Não a clássica 'arqueologia bíblica', que, por ser 'bíblica' – no sentido que era – não pode ser científica.

<sup>4</sup> Fiquei especialmente impressionado com a conclusão de Römer sobre o significado do nome de Yahweh. Após uma vida inteira ouvindo as mais diversas teologias sobre o abismo de sabedoria que estaria contido nesta forma verbal – que ninguém sabe realmente como poderia ser traduzida – este especialista do mais alto nível conclui destemidamente que é necessário esvaziar a atenção dada a este nome. RÖMER, Th., *L'invention de Dieu*, Seuil, Paris 2014.

mecanismo que as culturas daquele tempo utilizaram para perpetuar suas elaborações: atribuí-las mesmo a Deus, considerá-las reveladas.

O teísmo foi reforçado mais tarde pelos filósofos gregos, assumido gratuitamente pelo cristianismo helenizado, e depois endossado pelo aparato imperial de Constantino, quando decidiu configurar uma Igreja e uma teologia (Nicéia, Calcedônia...) que pudesse servir como religião oficial do Estado, substituindo a decadente religião romana.

### **A epistemologia atual e nossas "evidências".**

Este último ponto é importante: vivemos talvez já 6000 anos, desde o final da Era do Cobre, com este proto-paradigma antropto-teo-cósmico, dualista-teocêntrico, que analisamos. Como paradigma que é, diríamos que é formado pela articulação de vários axiomas (divisão da realidade em dois andares, assimetria radical de tal divisão, hierarquização das partes, heteronomia radical da realidade visível, teísmo de entidade suprema e espiritualidade da realidade invisível, andar superior masculino e supremamente inteligente... como foi dito). São vários "axiomas, ou seja, princípios (aparentemente) evidentes, que formam esse proto-"paradigma".

A epistemologia atual está de volta dessa suposição de que os axiomas são evidentes, e os postulados seriam meramente "convenções" sociais. Na realidade – diz a epistemologia atual –, talvez não exista tal coisa como a evidência. Nada é evidente. Somos nós que ditamos o que é evidente, porque no fundo, pré-conscientemente, e sem nos darmos conta, decidimos o que é conveniente para nós que seja evidente, o que concordamos (postulamos) que será evidente para nós. Em resumo: os axiomas – diz a epistemologia atual – são em verdade "postulados".

Vamos aplicá-lo ao caso. O proto-paradigma teísta, teocêntrico ou dualista pós-calcolítico – que em qualquer uma destas formas poderia ser chamado por outros tantos de seus vários rasgos "próprios" – enraizou-se de tal forma na cultura pós-calcolítica que, já na Idade do Ferro, não restava vestígio nenhum de que "outro proto-paradigma fosse possível" – o proto-paradigma anterior ficava inteiramente fora do alcance do conhecimento da época. Ninguém pôde repensar o proto-paradigma. A Grécia tampouco poderia. Nem a Bíblia. Nem Jesus de Nazaré. Todos eles permaneceram "com a cabeça

dentro da caixa", encerrados na suposta "evidência axiomática" do paradigma vigente, numa evidência inquestionável.

Nem Platão, que se identificou com ela a tal ponto que a recriou, de uma maneira tão brilhante e bela, que a gravaria pelo fogo na alma ocidental, por mais de 25 séculos, até hoje, quando ainda está em vigor na maior parte da mentalidade popular ocidental. Toda a filosofia ocidental ficou marcada e cativada pelo proto-paradigma pós-calcolítico, passado agora pelas belas formas com que Platão o vestiu. O cristianismo nascente debruçou de cara diante dele, admirando o platonismo e suas posteriores reedições e reavivamentos (vários neoplatonismos). Já no século XIX Nietzsche dirá que o cristianismo foi "platonismo para as massas"... e no século XX Whitehead dirá que a história do pensamento ocidental pode se reduzir a "notas de rodapé para Platão" (CUPITT: 1997, 62). Descartes repetirá, 2000 anos após Platão e Aristóteles, que existem dois tipos de coisas: as *res cogitans* e as *res extensa*. O Credo Calcedoniano já o havia declarado antes: criador... "de tudo que é visível e invisível", os dois tipos de coisas, os dois andares, a realidade rasgada de cima para baixo. Roger Lenaers, que há apenas alguns anos publicou seu livro pioneiro *Outro Cristianismo é Possível*<sup>5</sup>, pensativo afirma: "Parece que há algo na natureza humana, ou em seu subconsciente, que postula a necessidade deste segundo nível superior; caso contrário", diz ele, "a profunda necessidade que a religiosidade popular mostra para esta construção humana não pode ser explicada"<sup>6</sup>.

A contribuição de Aristóteles foi diferente da de Platão<sup>7</sup>, e de menor importância. Instalado de cheio no mesmo proto-paradigma, nem Aristóteles conseguiu captar sua contingência, a possibilidade de haver outra forma de pensar. Aristóteles reforçou-o filosoficamente com o princípio da teleologia, o axioma de que tudo o que acontece é dirigido a um determinado fim, e que todo o cosmos é o resultado de um

---

<sup>5</sup> Em muitas comunidades populares que estudaram este livro na Espanha, eles o chamam de "o livro dos dois andares", o livro que abre nossos olhos para ver que estamos diante de um mundo dividido em dois pisos.

<sup>6</sup> Roger LENAERS. *Outro cristianismo é possível*, cf. supra.

<sup>7</sup> "A filosofia platônica acreditava no êxtase profético, enquanto Aristóteles, com seu espírito científico, era muito desconfiado dos vários procedimentos do misticismo". Raymond BLOCH, *Los prodigios en la Antigüedad clásica*. Paidós, Buenos Aires, 1963, p. 21.

plano anterior estabelecido pela Suprema Inteligência... de um segundo nível... não apenas celestial, mas ôntico, metafísico.

As religiões formais, surgindo por volta desta época, nascem com esse mesmo proto-paradigma como evidência básica sancionada ademais pela própria "revelação" proporcionada por seus deuses. As três grandes religiões monoteístas fizeram-no seu sem hesitação, e combinaram completamente os princípios básicos da filosofia de Aristóteles com sua concepção religiosa do Universo, transformando assim esses conceitos físicos e cosmológicos em dogmas de fé. A doutrina física de Aristóteles foi aceita como dogma durante sessenta gerações. Nenhuma outra figura na história da ciência, e muito poucas em todo o curso da cultura humana, exerceram uma influência tão profunda e duradoura no pensamento posterior<sup>8</sup>. Mesmo no século XIX, a Igreja Católica proclamou sua filha, a filosofia neo-escolástica, aristotélica e tomística, como a "filosofia perene"<sup>9</sup>...

### **E nós?**

E hoje? Sobre uma revisitação do teísmo, a Igreja Católica, por exemplo, oficialmente "não sabe/não responde". Nem se pergunta, nem quer que seja perguntado. Nem mesmo uma sombra de dúvida – o que obviamente seria uma "dúvida de fé", contrária à fé, e portanto pecaminosa. Tudo para a Igreja cristã é teísta e, inclusive, omni-mono-teocêntrico. Do início (*em nómine Patris...*) ao fim, *in sécula seculorum*. Estamos escrevendo/lendo em 2021, mais de cinco anos depois de *Laudato Si'*, que apesar de toda sua corajosa novidade, ainda, no nível paradigmático, também está mergulhada de cheio na caixa do proto-paradigma pós-chalcolítico. Neste quinto aniversário, publiquei uma reflexão<sup>10</sup> sobre esta clara pertença da visão de *Laudato Si'* à visão proto-paradigmática pós-chalcolítica e, conseqüentemente, sobre a distância astronômica que ainda separa a *Laudato Si'* da intuição do que a ciência e muitas mentes lúcidas testemunham a respeito da superação desse paradigma, que não só

---

<sup>8</sup> S. SAMBURSKY, *El mundo físico de los griegos*, Alianza Editorial, Madrid 1990 (original 1962), p. 104-105.

<sup>9</sup> LEÃO XIII, Encíclica *Aeterni Patris*, 4 de agosto de 1879.

<sup>10</sup> VIGIL, JM, "*Laudato Si': punto también de partida*". *Notas meta-pastorales, para ir além de Laudato Si'* [Paradigma Oikocêntrico]. Em: <https://eatwot.academia.edu/JoséMaríaVIGIL/Ecocentrismo>

parece já obsoleto, mas que a cada dia o vemos mais claramente como prejudicial e opressivo.

2020-2021 são também os anos da pandemia da Covid-19. Durante esta pandemia todos ouvimos teólogos-filósofos e biblistas<sup>11</sup>, elaborando reflexões teológicas consoladoras sobre como Deus, embora pareça impotente diante da pandemia, não é, porque é todo-poderoso; mas que, misteriosamente, não age, precisamente porque respeita nossa liberdade, e não por isso é injusto, nem deixa de ser bom, embora não nos liberte como poderia.... Ou seja: theos continua a reinar inabalável no céu teológico pós-chalcolítico, sem sombra de dúvida, sem o menor indício de questionamento crítico desse paradigma. Tudo continua a ser visto através do paradigma pós-chalcolítico dos dois andares, do andar superior, dos todo-poderosos, superinteligentes e misteriosamente providentes theos (*theoi*) espirituais, o paradigma do qual tudo é explicado.<sup>12</sup>

Digamos de passagem: a única nota essencial que foi removida com sucesso do theos calcolítico é a de sua masculinidade original; foi uma conquista de última hora, o que mostra que também não era uma nota tão "essencial", e que outras notas supostamente essenciais também poderiam deixar de sê-lo, sem que o mundo se afundasse – mesmo que se afundasse aquele "céu".

Mais de cinco milênios, e ainda não conseguimos sair daí. Além destes comentários teológicos conjunturais sobre a pandemia, as teologias cristãs como um todo e suas instituições eclesiais, todas continuam a tomar theos como garantido, até hoje. Olhe para qualquer texto religioso que você tem em casa ou que lê na internet: você verá que *theos*, o teísmo continua sendo o grande axioma, a grande "suposição acrítica inconsciente" da teologia e da religiosidade popular, e mesmo institucional, até hoje. É essa a "Grande Crença"; e a Grande História (*Big History*) é a grande ausente. Mas a sociedade moderna e do conhecimento de hoje, não pode mais aceitar crenças.

---

<sup>11</sup> Enquanto o feminismo permanecer dentro da caixa bíblica, será um feminismo de meio caminho, incapaz de chegar às raízes e de falar com as mulheres (e homens) verdadeiramente modernas e pós-modernas de hoje.

<sup>12</sup> Digamos de passagem: a única nota essencial que foi removida com sucesso do theos calcolítico é a de sua masculinidade original; foi uma conquista de última hora, o que mostra que também não era uma nota tão "essencial", e que outras notas supostamente essenciais também poderiam deixar de ser-lo, sem que o mundo se afundasse – mesmo que se afundasse aquele "céu" -).



### Verificação epistemológica: qual é o status<sup>13</sup> do teísmo?

Tem o mesmo status do proto-paradigma do qual é o núcleo.

A "arqueologia cognitiva" atual descobre o teísmo como mais uma fase – ainda em progresso – da evolução do nosso desenvolvimento cognitivo. Uma fase cujo início – só agora mais conhecido, arqueologicamente, nos últimos sessenta anos – é relativamente recente, com respeito à história global de nossa espécie. Theos, em qualquer caso, é uma criação humana – não uma "aparicação celestial", nem uma "revelação", muito menos uma dedução científica. É uma "criação cultural"<sup>14</sup> elaborada por nós mesmos, *ad hoc*, numa fase difícil de nossa própria evolução. E, como todo conhecimento humano, a nova epistemologia nos diz que não é nada além de uma "modulação" que nosso cérebro faz para compreender/representar a realidade. Nunca temos uma visão certa dela, nem – menos ainda – definitiva; mas não nos fechamos à "esperança" de que o desenvolvimento cognitivo humano, sem ser estritamente linear, esteja ascendendo, ascendendo a posições cada vez mais profundas, mais certas e mais claras. Aqui o agnosticismo radical, e também numerosos defensores da não-dualidade... pensam que o Dharma ou Braman não podem ser conhecidos de forma alguma, e que é uma mera ilusão pensar que "avancamos" no conhecimento da Realidade, não importa quanto tempo passe e nossa sabedoria melhore.

O status epistemológico do teísmo é o status epistemológico dos próprio theos. Theos, como o teísmo, é um passo em nossa evolução. Chegamos a ele em determinado momento de nosso processo e, obviamente, chegará o momento em que ele ficará aquém do esperado e se tornará obsoleto. Tudo parece indicar, como já dissemos, que

---

<sup>13</sup> Não dizemos status "ontológico", porque estamos em uma sociedade pós-metáfísica, e incorreríamos em contradição; hoje poderíamos dizer, com vantagem, "status de realidade".

<sup>14</sup> José Antonio MARINA o chama com graça benevolente de "produto cultural", como ciência e poesia, cálculo infinitesimal ou geometria analítica. "É uma invenção que, partindo do mundo visível, tenta encontrar a outra metade do símbolo, da moeda quebrada". Ele transforma o sol em um rei, narra o aparecimento dos mundos ou as histórias domésticas dos deuses ou o confronto entre o Bem e o Mal, a guerra escatológica. Neste tipo de poetização contínua, nesta ânsia de transfigurar todas as coisas com um novo significado, ele envolve os eventos mais cotidianos com rituais que os salvam de sua intranscendência e os tornam transcendentos. Inventa-se uma poética do cotidiano, que religiosamente sublinha os acontecimentos cotidianos, como se tivéssemos realçado a prosa da vida com um marcador fosforescente". *Opinión sobre Dios*. Anagrama, Barcelona 2002, p. 21ff.



estamos em um novo tempo axial, mais profundo daquele que Jaspers<sup>15</sup> apontou, e paralelo àquele outro primeiro tempo axial do final do Calcolítico. Descobrir/reconhecer isto pode ser uma experiência traumática, mas é inevitável enfrentá-la, e não é intransponível. Uma boa parte da sociedade do conhecimento e da ciência está decididamente entrando neste novo caminho pós-teísta. Theos e o proto-paradigma antro-po-teo-cósmico que ele implica já não encaixam na cosmovisão moderna atual. Não é possível ser uma pessoa de hoje, ou seja, uma pessoa "moderna", com a cabeça mobiliada de acordo com a Modernidade, que ousou pensar por si mesma, e que rejeitou o proto-paradigma que foi forjado há mais de 5.000 anos, e ainda quer incluir theos em nossa cosmovisão. Este é basicamente o fenômeno do ateísmo e o do atual abandono massivo das religiões no Ocidente (a única zona cultural com penetração suficiente da Modernidade).

O que está acontecendo é, portanto – entre outras coisas – uma transformação epistemológica. Não é "o fim do mundo", mas é o fim de um mundo. É o fim do mundo como o temos pensado desde há 5 milênios. Não é que Deus esteja "morrendo" (o que tradicionalmente entendemos por Deus, *theos*), nem que tenha havido "Deus" ou que não haja mais "Deus" (alguém lá fora, lá em cima). Não é algo realista, ou ontológico, o que está acontecendo, mas epistemológico. É, acima de tudo, uma transformação epistemológica. É a descoberta que estamos fazendo do *status* epistemológico de theos (e de todo nosso conhecimento, acabamos de nos referir a isso) e, conseqüentemente, do caráter não-realista de theos no nível ontológico, e da toma de consciência das graves conseqüências que ambas as coisas implicam concretamente na herança religiosa das religiões – teístas, mas também não-teístas. Refiramo-nos a isso mais concretamente, vejamos.

Dissemos que "os mitos da separação do céu e da terra" expressavam na cultura da época o rasgamento da realidade cósmica, até então unida, unitária, única, total (holística). A realidade material, natural (e com ela a realidade carnal e sexual) estava confinada ao andar térreo; e uma realidade estritamente espiritual, imaterial, não natural, não material, não terrestre, não carnal, não sexual, puramente racional, apareceu no céu....

---

<sup>15</sup> Karl JASPERS, *op.cit.*

A "separação do céu e da terra" que se deu na cosmovisão humana sete/seis milênios atrás, não foi uma mudança ontológica do cosmos: é uma metáfora, que quer dizer alguma coisa, mas não deve ser entendida literalmente. Não foi que o mundo tenha sido efetivamente rasgado. O que foi rasgado foi o mundo humano, sua noosfera, o mundo mental e cultural humano, o paradigma cósmico que até então a humanidade carregava inscrito em seus genes mentais-culturais. Isso.

Correspondentemente, surgiu ali, como pedra-chave necessária daquela nova abóbada mental-cultural humana, theos, a peça-chave daquela nova cosmovisão, daquele novo proto-paradigma. Também nisso, não é que theos "surgiu ontologicamente"... mas que naquele momento foi elaborada a sua imagem, a sua crença, a sua mitologia, e veio a ocupar a posição central daquela nova cosmovisão mental. Nada ontológico, nenhuma transformação do ser, nenhum evento ôntico, realista. Simplesmente, uma recomposição epistemológica dentro da noosfera humana, obviamente provocada por alguns eventos transformadores de infra-estrutura. O surgimento de theos nessa transformação foi um evento epistemológico. Theos é, por definição histórica, a peça central de um modelo de representação do mundo, originado todos aqueles milênios atrás, que abriu uma nova etapa histórica para o desenvolvimento humano consciente, cognitivo (e conseqüentemente também material), e que está entrando em crise hoje em dia.

### **Estamos caminhando para o niilismo?**

Alguns leitores podem se perguntar. Bem... não há necessidade de supor isso. Estamos dizendo que o aparecimento de theos – o inquilino recém aparecido naquele andar superior agora construído acima do mundo terrestre –, foi apenas um elemento daquela grande mudança epistemológica. Um evento epistemológico, não um evento ôntico. Não que algo novo tenha surgido,<sup>16</sup> nem nada que tenha deixado de existir. Nada desta transformação epistemológica a que nos referimos incluiu um evento ôntico. A epistemologia não tem correspondência ôntica. (Estamos, obviamente, em uma nova epistemologia).

---

<sup>16</sup> Existir, de ex-sistere, ter "sistência fora de"; ou como já foi dito: "ficar fora das causas e do nada".

Novamente: estamos caminhando para o niilismo? Obviamente, não. A descoberta de que a transformação da consciência humana é algo epistemológico e não ontológico é uma transformação epistemológica de nossa mente que "desrealiza" nossas afirmações noéticas e de consciência, mas não nega a realidade da realidade real – externa à nossa realidade mental.

Nada de niilismo: qualquer que seja a Realidade "onticamente", ela continua e continuará a ser, sem ser afetada pelas modulações que nossa inteligência elabora e reelabora permanentemente para apreender, interpretar e conhecer a Realidade. E sem dogmatismo cognitivo: nosso conhecimento não cria realidade... só apenas modulações, "entidades de razão", ferramentas hermenêuticas, "ficções úteis".

### **Theos e divindade**

De acordo com isto, considerar que theos é uma realidade cognitiva, uma criação humana cultural, e que sua aparência é um evento epistemológico, não implica afirmar que não existe tal coisa como Divindade<sup>17</sup>. O mundo, o cosmos, a realidade... podem ser divinos, podem ter divindade, ou sacralidade, misteriosidade.... Perceber que somos nós, humanos, que construímos theos (e não o contrário), não implica necessariamente cair no ateísmo. Posso chegar à convicção de que theos é um conceito nosso, e que não tem suporte na verdadeira realidade ôntica<sup>18</sup>, cósmica... Ou seja, posso pensar que não tem aí uma Entidade, nem um Senhor, Espiritual, Supremamente inteligente, Onipotente, Providente, Transcendente, Separado, Pessoal, Revelador, Absoluto... e ainda posso pensar que o mundo é "divino", que o cosmos respira "divindade" nos quatro lados, que é sagrado, que é/está inefavelmente habitado pelo Mistério... E posso adorar e venerar essa divindade, essa sacralidade, reverentemente, ao ponto de ficar extasiado misticamente: este mundo e este cosmos são verdadeiramente divinos...! Posso

---

<sup>17</sup> Divindade, aqui, e desde que não diga o contrário, não é um substantivo comum, não é um sinônimo de deus (como por exemplo em "as divindades do Egito", que obviamente se refere aos "deuses" do Egito). A divindade é usada em seu sentido gramatical mais direto: um substantivo abstrato, que vem a significar "o caráter divino que algo tem", como a amizade é o caráter de um amigo que uma pessoa tem, ou a doença é o caráter insalubre que algo tem. Muitas vezes, o plural do abstrato dá a entender que transformamos a palavra em um substantivo comum. Por exemplo: eu tenho muitas "amizades"... é uma figura de linguagem; para falar mais propriamente (mais concretamente), teríamos que dizer que tenho muitos "amigos".

<sup>18</sup> "Aunque no haya un dios ahí arriba", por LENAERS, Abyayala, Quito 2013, disponível gratuitamente na extensão dos Koinonia Services: <https://tinyurl.com/ServiciosKoinonia2>

perceber, sentir à minha maneira, pensar, concluir, decidir conscientemente "acreditar" em tudo isso, que muitos podem muito bem chamar de Deus, sem eu ter que ser um teísta: posso não acreditar em theos e posso ser profundamente religioso e espiritual. É preciso re-ajustar as palavras aos novos saberes e às novas realidades.

A grande maior parte – quase a totalidade – da teologia atual, e das instituições eclesiais, ainda não entram nesta distinção. Vamos ver. Há 50 anos, claramente na esteira do Vaticano II entre católicos e de outros eventos similares entre protestantes, o tema das "imagens de Deus"<sup>19</sup> surgiu com força, praticamente desconhecido até então no ministério pastoral. Nas décadas seguintes, todos nós nos esforçamos para "purificar a imagem de Deus", rejeitando e até negando... suas "imagens" inadequadas ou mesmo "falsas", o que de forma nenhuma nos levou ao ateísmo. Pelo contrário, consideramos a abordagem do tema das imagens inadequadas e falsas de Deus como um meio pastoral oportuno e eficaz para fomentar o diálogo com aqueles que negavam Deus. A maior parte da teologia atual ainda está ancorada nessa perspectiva: continua preocupada em limpar e recuperar a clareza do rosto de Deus, contra suas más imagens, mas... não descobre que outra onda mais forte e profunda está chegando, e que, em alguns lugares/setores da população, já está avançando como um tsunami.

A descoberta há cinquenta anos de que as imagens de Deus eram um grande problema foi seguida hoje pela descoberta de que o problema está abaixo das imagens; está no próprio Deus. No próprio conceito de Deus (theos). Não é mais que nossos contemporâneos não aceitem um Deus sádico<sup>20</sup>, violento, "muito interventor"... (e mil outras adjetivações ou imagens inadequadas). É o próprio theos que eles agora se sentem impelidos a negar: negam essa Entidade, esse Senhor, Todo-Poderoso, externo, interventivo, separado, espiritual, supremamente inteligente, subjetividade especial, sem outro fundamento que nossa criatividade inteligente e imaginativa para construir explicações a mistérios inalcançáveis. Que theos, iniciado há 5000 anos e aprimorado e polido conceitualmente pelos gregos, e com o qual os cristãos se identificaram

---

<sup>19</sup> Um monumento emblemático da preocupação pastoral daquela época é o livro *"El Dios en quien no creo"*, de Juan ARIAS, que ainda está sendo reimpresso (Sígueme, Salamanca 2004), e que foi traduzido em dez idiomas. Ver: Juan ARIAS, *El Dios en quien no creo. Más de 40 años después*, Agenda Latinoamericana Mundial'2011, pp. 42-43, disponível no arquivo digital da Agenda Latinoamericana.

<sup>20</sup> François VARONE, *The Sadistic God: Does God Love Suffering*, Sal Terrae 1988.

cegamente a ponto de deslocar Yahweh, e inclusive o próprio teísmo, não são mais aceitáveis na sociedade que está vindo para ficar.

Há 50 anos, demos um salto importante quando interpretamos que o problema não estava com o próprio Deus, mas com suas imagens. Hoje, no auge da evolução de nossa cultura, estas imagens aparecem como um problema menor, de segunda ordem, e é claro que o problema raiz é o próprio conceito de theos: sua origem histórica, sua elaboração, sua autoria humana, seu status epistemológico... tudo o que temos dito. Torna-se claro que a pastoral da "purificação das imagens de Deus" não é mais suficiente – e que de alguma forma ela deve ser substituída e aprofundada. O que é urgente agora é superar algo mais profundo e paradigmático, um modelo de interpretação da realidade profunda que hoje é obsoleto, assim como prejudicial<sup>21</sup>: o próprio modelo theos. O teísmo. Outro modelo tem que ser possível: o não teísmo.

A questão é, portanto, theos, não a Divindade<sup>22</sup>. A descoberta do status epistemológico de theos, sua gênese mitológica, apesar de sua posterior recuperação filosófica grega, bem como a evidência de sua inviabilidade em uma sociedade adulta, emancipada, científica e pós-mítica, não nos leva ao ateísmo, mas simplesmente ao pós-teísmo ou, para colocá-lo ainda mais assepticamente, ao não-teísmo. O não-teísmo em si não é ateísta, nem niilista, nem materialista-reducionista, nem fechado ao Mistério, à sacralidade, nem à divindade; ele simplesmente se desprende crítica e conscientemente de um "produto evolutivo" criado pelo ser humano, uma "ficção útil" da qual se valeu em um dado momento no desenvolvimento de sua cultura e de seus meios de infraestrutura material; um elemento cuja origem, status ontológico e epistemológico só recentemente conhecemos, e que agora se revela claramente como pertencente a um estágio histórico ultrapassado, hoje injustificado, obsoleto, anacrônico (fora de seu

---

<sup>21</sup> Nocivo hoje, talvez não no processo evolutivo. Na verdade, o paradigma antro-po-teo-teo-cósmico pós-calcolítico foi uma maneira pela qual a biologia conseguiu nos tornar viáveis... Ela cumpriu sua função, mas sua perpetuação já parece prejudicial. Como nosso conhecimento em geral, tem sido uma "ficção útil", mas agora já ultrapassou sua data de expiração.

<sup>22</sup> Com este substantivo abstrato, que tantas vezes atua como sinônimo de "deus" e "deuses" no plural, refiro-me à substância destilada do que há milênios chamamos de "deus", mas despojada de todos os elementos impuros que hoje sabemos serem simplesmente um modelo de conhecimento, nossa modulação para lidar com a realidade. Todas aquelas determinações que temos dito são "constituintes" do modelo theos, e que não são mais aceitáveis.

tempo) e responsável por implicações negativas (mesmo para o planeta!). E, por tudo isso, um conceito de uso nocivo.

Aquele ateísmo materialista reducionista do século XIX que, ao rejeitar *theos*, acreditava ser necessário rejeitar também a sacralidade da vida, o Mistério do cosmos e a numinosidade da realidade... e reduzia tudo à matéria, praticamente desapareceu. Pouco a pouco foi sendo abandonado pela sociedade científica mais desenvolvida. E naquele confronto histórico entre o ateísmo ("científico") e o cristianismo, tanto um como o outro erraram. O ateísmo errou por sua cegueira diante das dimensões supramateriais da realidade, e por sua atitude niilista esmagadora diante de qualquer realidade que não fosse meramente material. O cristianismo errou por causa de sua cegueira diante das contradições da imagem cultural-filosófica de seu próprio *theos*, tomando-a como a face indiscutível do Mistério inefável. É por isso que hoje há vozes que declaram a inanidade daqueles "Diálogos entre cristianismo e ateísmo" do século passado, como diálogos de surdos – e por isso errados – que queriam se convencer mutuamente. Ambos estavam errados, e ambos estavam certos. Roger Lenaers argumenta em um de seus últimos livros (LENAERS 2013, último capítulo) que o cristianismo e o ateísmo têm que se reconciliar, porque ambos estão certos e juntos podem trazer para a humanidade uma nova visão, livre dessa confusão.

### **Eu acredito em Deus, mas Ele não é *theos*. A "divindade" pós-teísta<sup>23</sup>...**

Podemos continuar a dizer "deus" no pós-teísmo? Bem, sim, claramente, mas sob certas condições, e com muita lucidez, para não continuar perpetuando o dano que foi feito e ainda está sendo feito na pronúncia desse nome.

Embora a tradução de *theos* seja, obviamente, "deus", é muito claro que, neste estudo, estamos postulando a necessidade de distinguir claramente dois sentidos ou significados diferentes na palavra "deus". O significado vulgar, em uso há milênios, é aquele que o entende como *theos*, cujas "notas essenciais" já elencamos e comentamos extensivamente acima. O significado técnico seria aquele outro que entende por "Deus"

---

<sup>23</sup> Eu tirei fora do meu vocabulário a palavra divindade como substantivo concreto, que neste caso seria sinônimo de *deus*, *theos*. Quando eu digo *divindade*, uso a palavra em sua própria condição semântica direta, como um substantivo abstrato. Estes são dois sentidos totalmente diferentes, que não podem ser confundidos, como eu indiquei acima. E distinguir ajuda e poupa confusões.

a "Realidade Última", ou – talvez melhor – a "Ultimidade da Realidade", à margem de todas aquelas "notas" que correspondem a theos. Assim, posso não acreditar em deus (theos), e, no entanto, ainda sinto a necessidade e o dever de "apostar"<sup>24</sup> na Realidade Última, na busca da Ultimidade da Realidade, mesmo que sem ceder ao mito, à mitologia, à imaginação religiosa irresponsável, às "crenças" que se transmutam em dogmas gratuitos, ou à "fé infantil do carvoeiro", ou os dogmas opressivos da mente impostos pelo autoritarismo das instituições religiosas. Obviamente, esta atitude pós-teísta de "apostar na Ultimidade da Realidade"<sup>25</sup> não deve se reduzir à evitação formal da palavra e o conceito theos, mas o abandono real de tudo o que theos implica, tudo do que theos é sua causa e centro (teo-centrismo). Na teologia tradicional, por exemplo, todos os seus ramos são teísticos e teocêntricos; um cristianismo livre de theos precisará então de uma teologia totalmente nova, nem teísta nem teocêntrica!<sup>26</sup> Além disso, necessitaremos também de uma mística e um misticismo novo, nem teísta nem teocêntrico...<sup>27</sup>. Assim é a gravidade da metamorfose que postulamos.

Já existe um cristianismo pós-teísta, pois que há muitos cristãos pós-teístas; mas, é claro, esses cristãos se encontram sozinhos, abandonados, rodeados por um patrimônio simbólico religioso milenar que eles sentem obsoleto, até mesmo hostil. Outro cristianismo é possível, e urgente, e é pós-teísta!

Devemos banir, ou erradicar, a palavra "deus"? Não, logicamente. O que precisamos fazer é re-significá-la, redefinir seu significado, declarando o termo

---

<sup>24</sup> Abordei em vários textos minha convicção de que "não é mais uma questão de acreditar". A necessidade de fé – uma das três rainhas entre as virtudes (não em vão teo-legal) – sem a qual seria impossível agradar a Theos, parece desaparecer também com o desaparecimento ou a superação de theos, que jogou às escondidas, criando-nos e chamando-nos à vida, mas não se deixando ver e exigindo "crença" em sua existência... Não é mais plausível.

<sup>25</sup> "Acreditar em Deus" me parece equivocado e perigoso neste ponto, e acredito que esta "aposta na ultimidade da Realidade" expressa perfeitamente hoje o que na linguagem teísta chamávamos de "acreditar em Deus".

<sup>26</sup> Alguns dirão que a teologia não pode ser não teísta... Pode, sim, mas isso é outro problema que não é tratado neste texto.

<sup>27</sup> O misticismo tradicional está em baixa forma. É consolado pelo renovado interesse espiritual de uma sociedade que está deixando a religião porque não pode aceitar um theos lá em cima/ lá fora, mas toda a linguagem tradicional do misticismo é pesada pelo teísmo, por esse Tu espiritual, esposo da alma, não-mundano, cósmico, superpessoal, amigo invisível, e muitas vezes ainda trancado na caixa bíblica (escriturária) da sua respectiva religião. Entretanto, e sem esse nome, o retorno ao misticismo, integral, cósmico, 'não-espiritual', oikocêntrico, holístico... está proliferando em toda parte. E agora livre do confinamento na caixa da Escritura, medita e contempla "o primeiro livro"... sem Kyrios, sem Senhores ou cônjuges.



explicitamente superado quando o usamos. As palavras, como os conceitos, nascem, crescem, se reproduzem, adoecem, morrem... e às vezes ressuscitam. A palavra deus, no sentido de theos, já nunca deveria ser usada no sentido histórico-mítico de theos, um Deus lá em cima, lá fora, exterior, Senhor, interveniente, "ele" (*alter*, e masculino!). Qualquer uso neste sentido é prejudicial, e perpetua os danos que já nos causou.

Devemos então proibir a palavra "deus"? Tillich propôs uma moratória sobre a palavra: não usá-la por cem anos! Pessoalmente, acho que isso nos faria bem, para nos forçar a re-significar a palavra que hoje nos machuca; mas não deveria ser proibido, pois também pode oferecer um bom serviço a quem saiba usá-la: se eu a usar como "símbolo da Ultimidade da Realidade", do Mistério, da "divindade da Realidade", como uma simbolização dele/dela para evocá-lo/la, como um tropo de linguagem para abordá-lo/la... pode ser uma palavra muito útil, pois mantém essa conotação de ultimidade, tão difícil de encapsular em uma nova, que ainda não temos. Posso usar o termo "deus", desde que ninguém o entenda como theos, ou seja, apenas onde meus interlocutores ou ouvintes já estão claros de que não há nenhum senhor lá em cima, lá fora, e que não estou falando de nada como os deuses míticos dos povos pós-calcolíticos, neolíticos ou hodiernos. Não podemos ser coniventes com tal confusão, que atrasa a evolução humana, impede a capacidade da humanidade de voar e pular para uma época de nova inteligência da Realidade. Mas tendo claramente evitado este grave perigo, podemos acrescentar ao nosso vocabulário esta palavra agora renovada, tão carregada de misticismo e energia<sup>28</sup>, e podemos usá-la com arte e com todos os jogos e tropos da linguagem, livres de todo teísmo, e aplicada agora como mais um nome daquela ultimidade da Realidade que continuamos a tentar evocar e até mesmo invocar não pessoalmente.

### **Em Deus sem Deus: no Mistério sem theos**

Uma conclusão que podemos tirar de tudo o que foi dito é que "acreditar em Deus", o que sempre foi em nossa milenar história cristã o primeiro artigo de fé, a base mínima para nos reconhecermos dentro do cristianismo, sem o qual não poderíamos mais dialogar, não é mais o que era. Não podemos mais pedir a ninguém, como o

---

<sup>28</sup> Cf. acima, a citação de Martin Buber.

primeiro artigo de fé da religiosidade de nossa comunidade religiosa, que acredite que há um Senhor lá em cima. A crença em theos não é mais aquela primeira condição *sine qua non*. Você pode acreditar em Deus, ou você pode ser ateu mesmo, e ainda você pode nos dois casos ser cristão: é uma grande novidade, um salto qualitativo, de consciência, de compreensão, de paradigma.

Posso dialogar com os ateus e dizer-lhes: Eu também não acredito mais em Deus. Reconheço que insisti em algo desnecessário. Confundi Deus, com theos, ou seja, confundi o fundo misterioso final, com uma maneira antiga e obsoleta de imaginá-lo, de modelá-lo, de torná-lo acessível à nossa mente mítica. E agora compreendo a recusa de vocês a aceitar aquela imagem, mito, modelo, forma, mediação epistemológica. Peço desculpas pelo mal-entendido. Eu não acredito mais que seja necessário, nem adequado, nem inócuo acreditar em theos.... Também eu prefiro dispensar aquela imagem/conceito que hoje me parece obsoleto.

Posso dialogar com os jovens críticos que me dizem que eles "não acreditam em Deus", e posso não mais adotar aquela atitude paternal para supostamente "evangelizá-los", exortando-os a não deixar de "acreditar" em Deus... Posso dizer-lhes: digam-me por que vocês não acreditam em theos, porque suspeito que eu também compartilho vossas razões, que também eu não acredito naquele Deus-theos que vocês rejeitam. Não acredito naquele deus que mesmo jovens como vocês sentem a necessidade de rejeitar, de não acreditar. Não acreditem em theos, porque não é um conceito obsoleto, mas também não desistam de ser pessoas completas, buscadoras reverentes da última intimidade da Realidade. Não acreditemos. Busquemos a verdade da Realidade, sua sacralidade, e vivamos de acordo com ela, de acordo com nossa convicção espiritual sentida, e com liberdade total de opiniões filosóficas.

Definitivamente, podemos dizer que não é mais uma questão de "acreditar".... Antes, tudo era sobre acreditar, sobre submeter-se a doutrinas e dogmas, mesmo que eu não os entendesse ou eles não me convencessem; era sobre submeter-se. Agora acreditamos que os seres humanos não somos chamados a submetermos, a "acreditar", a renunciar à razão e aceitar cegamente crenças exigidas por uma instituição.... "para louvar, reverenciar e servir a Deus nosso Senhor, e com isso salvar nossa ânima"... Com o ser humano moderno emancipado, o "princípio e fundamento" de Inázio López de

Loyola<sup>29</sup> fica mesmo sem fundamento, e, a partir daí, também já não parece ser um bom "princípio"; é necessário procurar outra forma<sup>30</sup> de começar.

Nesta nova etapa pós-teísta da visão humana, não se trata de acreditar, mas de refletir, estudar, discernir, decidir... e de "assumir" o risco pessoal de uma tomada de posição na vida, "optando" pelo sentido percebido, com autonomia, com liberdade, emancipado de toda minoria de idade, de todo medo e de toda mitologia, com plena responsabilidade.

Posso dialogar com todas as religiões, isto é, com todas as convicções espirituais – inclusive a do ateísmo – e posso propor-lhes que retiremos este nome ("deus") de nosso vocabulário, porque confunde, porque limita nossa liberdade espiritual, porque se perde irremediavelmente sob o peso de uma tradição carregada de mitologia, opressão, inquisição, até mesmo de violência e morte. Posso propor que abandonemos este nome, Deus, e qualquer outro nome que lhe demos, não porque "não possa ser nomeado" (por respeito, por inefabilidade, como sinal de respeito através do humilde reconhecimento de nossa incapacidade), mas porque, ao nomeá-lo, o deterioramos, transformando-o em algo, em alteridade, em uma coisa ou sujeito, ou pelo menos em uma Entidade, como praticamente todas as pessoas religiosas sempre pensaram. As religiões, muito puras em sua teologia oficial de gabinete universitário, de fato, se comprometeram geralmente com uma religiosidade popular que transa com qualquer mitologia e crença.

Somente libertos da miragem sedutora, daquele "Amigo invisível", daquele Senhor Deus Todo-Poderoso que atraiu nosso olhar e raptou nossa atenção para o céu altíssimo, fora do mundo, já no futuro escatológico de "outros" céus e terra novos. Somente libertos dessa miragem poderemos voltar nosso olhar para a matéria, para a Terra e para o verdadeiro cosmos, para a Realidade.

---

<sup>29</sup> *Exercícios Espirituais*, Sal Terrae 2014, p. 18.

<sup>30</sup> Após a modernidade, não é mais possível começar pura e simplesmente com a pura e dura afirmação teísta, em seu máximo e duro rigor. Trata-se de uma laje (mesmo que sirva como pedra-chave do cofre pós-calcolítico), que pesa inaceitavelmente sobre o ser humano "moderno", emancipado do medo, da subjogação feudal. Agustín UDÍAS (sj) relata o movimento da *Big History*, cada vez mais aceito por um número crescente de universidades, como uma nova estrutura para toda a ciência. Cf. "*Big History and the Anthropocene: Two New Approaches to Past and Present*", em: [servicioskoinonia.org/relat/454.htm](http://servicioskoinonia.org/relat/454.htm)

Somente libertados de um theos que sequestra e captura em si a Divindade da Realidade e a leva expatriada para um céu separado da terra, poderemos voltar nossos olhos para a profunda Divindade da Realidade, para a Divindade de tudo, do Todo.

O budismo não é teísta, não acredita em theos, de jeito nenhum, não acredita que existam deuses. Mas ninguém vai contestar sua profundidade espiritual e religiosa. Eles têm sido assim por vários milênios em sua trabalhada história espiritual. Isto explicaria, por paralelismo antitético, o que acontece no mundo cristão, onde esta abordagem de superação do modelo de teísmo levanta bolhas e parece impossível para aqueles que passaram toda sua vida e história centrada em theos: falar de não-teísmo pode-lhes parecer absurdo, uma catástrofe, a ruptura do sentido da vida espiritual. Essas pessoas também reivindicam o "caráter pessoal" de theos como algo essencial e indispensável. Sem theos lá em cima como um "Amigo invisível" sempre pronto para o contato direto da oração íntima, não só a oração, mas a própria espiritualidade seria impossível para eles. Eles não seriam adequados para serem budistas. E o fato é que estamos neste modelo teísta há milênios, e não é algo do qual alguém possa se desligar facilmente, se não seguir um caminho de análise, reflexão e educação de um novo sentido para perceber e saborear a sacralidade não-teísta da Realidade holística. Mas os tempos mudam, e na sociedade culta de hoje há inúmeras pessoas que abandonam a espiritualidade teísta (muitas vezes devido a dificuldades insuperáveis para lidar com as implicações teóricas cosmológicas obsoletas de theos que expusemos) e se abrem cada vez mais para espiritualidades e religiosidades sem theos.

Como dizemos, o mundo não está se acabando; está simplesmente acabando um mundo de representações – não de realidades – que acreditávamos ser imóvel e insubstituível – porque não podíamos imaginar nenhum outro, e porque o tínhamos entronizado e blindado, considerando-o revelado pelo próprio theos, nossa própria criação. Esse mundo está chegando ao fim, e sim, é uma coisa assustadora, mas que deve ser enfrentada com coragem e bravura. No final, sem dúvida, é uma libertação, e um salto evolutivo. Seja bem-vindo o pós-teísmo.

Este estudo se concentrou em delimitar um conceito técnico de teísmo (não de "deus") e em mostrar a conveniência para a humanidade de se desligar de um barco com o qual já cruzou aquele mar, ou da escada com a qual já alcançou um estágio superior;

pode agora abandonar o barco, e a escada, que já cumpriram seu serviço, e continuar caminhando, sem medo, com total liberdade, em direção a horizontes mais amplos<sup>31</sup>.

***Postscript:***

**É hora de superar nossa herança mitológica,  
confrontando definitivamente nossa teologia com a ciência.**

Assim como hoje sabemos arqueologicamente que não houve êxodo histórico (nenhuma praga, nenhuma ceia de Páscoa no Egito, nenhum Mar Vermelho dividido, nenhuma vagabundagem no deserto e, portanto, nenhum arbusto ardente, nenhuma tábua da Lei esculpida por relâmpagos cintilantes, nem Dez Mandamentos...), e que Javé foi representado e adorado nos primeiros tempos de Israel na forma de um bezerro ou touro jovem – como nas demais religiões dos povos vizinhos – e que teve uma divindade consorte venerada mesmo no Templo de Jerusalém, cujos traços foram posteriormente apagados do texto bíblico, e que, porém, podemos continuar a ser "crentes", sem credulidade, lucidamente, com uma "nova ingenuidade", da mesma forma hoje sabemos que theos não foi uma revelação para o povo de Israel (ainda inexistente naquela época), nem mesmo para os povos Kurgans das estepes. Hoje acreditamos saber quando e onde theos aparece, simultaneamente em vários lugares; intuímos seus fatores e condicionamentos culturais, e vemos claramente as repercussões políticas e culturais do teísmo primordial desses povos, e a colonização e dominação que exerceram sobre seus vizinhos.

Não que todo esse conteúdo a que nos referimos já seja material científico comprovado, pacificamente possuído, longe disso; ainda há um longo caminho a percorrer. Mas olhar para o outro lado, não levar em conta nada do que já sabemos hoje, e continuar ocupados elaborando e retrabalhando novas reformulações com as mesmas crenças e mitos multi-milenares, "novas propostas sobre os mesmos pressupostos", inacessíveis a qualquer novidade ou crítica, pode dar razão àqueles que dizem que a teologia é um monumento à lógica... sobre um pedestal falso e obsoleto. Por outro lado,

---

<sup>31</sup> Neste texto, a propósito, não abordei as imensas e excelentes perspectivas da espiritualidade não-teísta, a espiritualidade "depois de theos". Já lidei com isso em vários outros estudos, aos quais me refiro, em: [eatwot.academia.edu/JoséMaríaVIGIL/Ecocentrismo](http://eatwot.academia.edu/JoséMaríaVIGIL/Ecocentrismo) Ver concretamente: VIGIL, JM., *Ante la catástrofe climática, una nueva visión y una nueva espiritualidad*, Palestra no 12º Encontro Internacional do CETR, Barcelona, novembro de 2017.

pensar que a ciência põe em perigo a "fé" é um erro: é este medo da ciência quem vem destruindo a fé religiosa há vários séculos, enquanto as pessoas mais lúcidas abandonam – hoje massivamente – o navio que se afunda. É hora de levar a sério a arqueologia, a antropologia cultural, as ciências da religião e todas as outras ciências, e muito a sério. Aqui também é necessário sair da auto-referencialidade: a teologia em saída.

### Referências bibliográficas

- ARMSTRON, Karen, *A History of God*. 4000 años de búsqueda en el judaísmo, el cristianismo y el islam. Paidós Internacional, 1995, 521 p.
- BARING, Anne; CASHFORD, Jules, *The Myth of the Goddess*. Viking 1991 England. *El mito de la diosa*, Siruela, Madrid: 1991, 851 p.
- BECKING, Bob (ed.), *One Only God? Monotheism in Ancient Israel and the veneration of Goddess Asherah*. NY: Sheffield Academic Press, 2001. 234 p.
- BELLAH, Robert, *Religion in Human Evolution*. From the Paleolithic, to axial age. Cambridge USA: Harvard University Press, 2011. 777 p.
- CUPITT, Don, *After God*. NY: BasicBooks, HarperCollins, 1997, p. 62.
- DEL OLMO, Gregorio, *De los 1.000 y más dioses al Dios único*. Cuantificación de los panteones orientales: de Egipto a Cartago. In: Actas II Congreso Internacional del Mundo Púnico. Cartagena, 6-9 abril 2000. In: revista «Estudios Orientales» nº 5-6 (2001-2002) p. 19-32.
- DEVER, William, *Did God Have a Wife? Archaeology and folk religion in Ancient Israel*. Michigan, USA: Eerdmans, Grand Rapids, 2005. 361 p.
- EATWOT (Ecumenical Association of Third World Theologians), *The New Biblical Archaeological Paradigm*. In: *VOICES Theological Journal*, 2015-3&4, multilingual issue, freely digitally available at [eatwot.net/VOICES](http://eatwot.net/VOICES)
- EATWOT, *Deep Ecology Spirituality*, monographic multilingual issue, VOICES 2014–2&3, freely digitally available at [eatwot.net/VOICES](http://eatwot.net/VOICES)
- EISLER, Riane, *The Chalice and the Blade*. Our History, our Future. HarperCollins 1995.
- FINKELSTEIN, Israel, *The Bible Unearthed*. Archaeology's New Vision on Ancient Israel and the Origin of Its Sacred Texts. London, NY, Sydney: Simon & Shuster, 2001,

385 p.

GIMBUTAS, M., *Bronze Age Cultures in Central and Easter Europe*. Paris-London: Mouton & Co., 1965. 780 p.

GIMBUTAS, Marija, *The three waves of the kurgan people into Old Europe, 4500-2500 B.C.* In: Archives suisses d'antropologie générale 43/2 (1979) p. 113-117.

GIMBUTAS, M., *Diosas y dioses de la Vieja Europa (7000-3500 a.C.)*. Madrid: Siruela, 2014,

HALTON, Eugene, *From the Axial Age to the Moral Revolution. Stuart-Glennie, Jaspers & a New Understanding of the Idea*. Palgrave-Macmillan, 2014, 160 p.

HUXLEY, Julian, *Religión sin Revelación*, Editorial Sudamericana, BsAs, 1967, 296 p.

KATONA, A.L., Proto-Greeks and the Kurgan Theory. In: *The Journal of Indo-European Studies*, 28 / 1-2 (Spring-Summer 2000) p. 65-100.

KAUFFMANN, Stuart, *Reinventing the Sacred, New View of Science, Reason & Religion*. Basic Books, 2008, 324 p.

KAUFFMANN, S., *At home in the Universe*, Oxford University Press, 1995.

KEARNEY, Richard, *Anatheism. Returning to God after God*. NY: Columbia Univ. Press, 2010, 271 p.

KOMOROCZY, G., *The Separation of Sky and Earth. The cycle of Kumarbi and the Myths of Cosmogony in Mesopotamia*. Acta Antiqua. Academiae Scientiarum Hungaricae XXI (1973) 21-46, Budapest.

LENAERS, R., *Viver em Deus sem deus*. São Paulo: Paulus, 2014, 280pp. *Aunque no haya un Dios ahí arriba. Vivir en Dios sin dios*. Colección Tiempo Axial 16, Abyayala, Quito 2013, 214 p.

LENAERS, Roger, *El no teísmo, como último paso*. RELaT 430, servicioskoinonia.org/relat/430.htm

McFAGUE, Sally, *Models of God*. Philadelphia: Fortress Press, 1987.

O'MURCHU, Diarmuid, *Reclaiming Spirituality. A new spiritual framework for today's world*. NY: Crossroad 1999, 197 p.

REICH, David, *Who We Are and How We Got Here. Ancient DNA and the new science of the human past*. Oxford UK: Oxford University Press, 2018. 368 p.

RIES, Julien (coord.), BOYER, GIMBUTAS et alii, *El hombre indoeuropeo y lo*



*sagrado*, Trotta, Madrid 1995, 367 p.

RÖMER, Thomas, *L'invention de Dieu*, Seuil, Paris, 2014, 340 p.

SPONG, John Shelby, *A New Christianity for a New World. Why Traditional Faith is Dying & How a New Faith is being born*. New York: HarperCollings 2002. Edição brasileira: *Um cristianismo novo para um mundo novo. A fé além dos dogmas*. Campinas: Verus, 2001, 274 p.

SPONG, J.S., *Twelve Theses on Theism. Call for a New Reformation*, in Latin American Agenda'2011, p. 227; and in «Horizonte», PUC-Minas, vol. 13, no. 37, Jan./Mar. 2015 – Dossiê: Paradigma Pós-religional (Número especial): <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2015v13n37p112>

STAUDACHER, W., *Die Trennung von Himmel und Erde*, Tübingen 1942.

VAUGHAN-LEE, LI. (ed) et alii, *Écologie Spirituel*. Montreal: Mille et une vies, 2017, 375 p.

VIGIL, José María, *Théisme : modèle utile, mais pas absolu pour "imaginer" Dieu*. Agenda Latinoamericana, 2011, p. 142-143.

VIGIL, José María, *Humans, Nature and God. 2.0. Renewing the Central Paradigm of our Worldview. In post-Vatican II theological way*, em: [eatwot.academia.edu/JoséMaríaVIGIL](http://eatwot.academia.edu/JoséMaríaVIGIL).

VIGIL, JM., *The New Biblical Archaeological Paradigm*. VOICES 2015-3&4. Full issue, número completo. In: [eatwot.academia.edu/JoséMaríaVIGIL/Nueva-Arqueología](http://eatwot.academia.edu/JoséMaríaVIGIL/Nueva-Arqueología).

VIGIL, JM., *También Yavé bajo el nuevo paradigma arqueológico-bíblico*, In: [eatwot.academia.edu/JoséMaríaVIGIL/Nueva-Arqueología](http://eatwot.academia.edu/JoséMaríaVIGIL/Nueva-Arqueología).

VIGIL, JM., *A New Vision and a New Spirituality, to Face the Coming Climate Catastrophe*, at: [eatwot.academia.edu/JoséMaríaVIGIL/Ecocentrismo](http://eatwot.academia.edu/JoséMaríaVIGIL/Ecocentrismo).